

# ***A HORA DA ESTRELA* UMA ENCENAÇÃO CÔMICA DA TRAGÉDIA BRASILEIRA**

*A HORA DA ESTRELA A COMIC STAGING  
OF THE BRAZILIAN TRAGEDY*

Manoel Freire<sup>1</sup>  
Mona Lisa Bezerra Teixeira<sup>2</sup>

RESUMO: Último romance de Clarice Lispector, *A hora da estrela* é texto central no conjunto da obra, pois neste pequeno livro se encontram os principais temas que preocuparam a autora ao longo de sua trajetória literária. A insuficiência da linguagem, o problema da representação, a literatura como possibilidade ou não de dar voz ao oprimido, o papel do intelectual numa sociedade marcada pelas desigualdades, a injustiça e a miséria são questões que se articulam na configuração de uma narrativa cujo narrador, pela via do cômico atenua o trágico e evita o panfleto.

Palavras-chave: Clarice Lispector; literatura; pobreza.

ABSTRACT: The last novel by Clarice Lispector, *A hora da estrela* is a central text in the body of her work. In this little book, the main themes with which concerned the author throughout his literary career are presented. The insufficiency of language, the problem of representation, the literature as possibility or not to give voice to the oppressed, the role of the intellectual in a society marked by inequality, injustice and poverty are issues that are articulated in the setting of a narrative whose narrator, by way of the comic, attenuates to the tragic, and avoids the pamphlet.

Keywords: Clarice Lispector; literature; poverty.

Consagrada pela crítica, já a partir de seus primeiros livros, como autora de uma literatura “introspectiva”, só mais recentemente Clarice Lispector tem despertado o interesse dos estudiosos para os aspectos sociais e ideológicos que enformam sua obra. De um modo geral a crítica tem negligenciado esses traços da ficção de Clarice, dando mais ênfase às questões existenciais, de natureza filosófica e metafísica presentes em sua escrita, o que alguma forma contribuiu para se criar a imagem de uma escritora supostamente alheia à realidade brasileira.

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Pau dos Ferros. Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: manoeffr@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, em Estágio de Pós-doutorado (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – Pau dos Ferros. E-mail: mlbteixeira.mt@gmail.com.

Neste ensaio discutem-se algumas configurações estéticas do processo social brasileiro na forma literária de *A hora da estrela*, último romance publicado por Clarice Lispector e um dos textos fundamentais no conjunto de sua obra, na medida em que incorpora e desenvolve temas e motivos que estão no centro das preocupações da autora desde seus primeiros escritos, tais como: a reflexão sobre a arte e o problema da representação estética, levando em consideração suas possibilidades e limites, o conhecimento “pleno” através da linguagem, a possibilidade de uma literatura socialmente engajada, e a pobreza do mundo, pobreza “feia e promíscua”, conforme escreve a própria Clarice (LISPECTOR, 1998, p. 22).

Aspectos que abordam estruturas sociais e a relação individual que se estabelece com essas conexões se encontram presentes desde o seu primeiro romance *Perto do coração selvagem*, pois a caracterização da personagem Joana com sua altivez desde a infância mostra a condição feminina em pleno questionamento de convenções durante toda narrativa. Em *O Lustre*, as dificuldades de interação social referentes a Virgínia enfatizam o deslocamento do sujeito frente a um mundo que exige ordenação nas mais diversas esferas de relacionamentos, na medida em que a personagem mostra-se incapaz de cumprir essa penosa missão com espontaneidade.

Em *A cidade sitiada*, a desenvoltura de Lucrecia diante dos homens e dos vários estamentos sociais não significa que haja uma realidade confortável dentro da narrativa. A personagem será sempre estrangeira em uma terra de forasteiros, pois nada em *A cidade sitiada* parece ter verdadeira acomodação. Com Martim, em *A maçã no escuro*, o estado de isolamento e silêncio vivido pelo personagem, na maior parte da história, vai desvelando mecanismos de controle social presentes no trabalho, na família, na relação com outros sujeitos e mesmo diante da própria linguagem, pois há um preço a pagar quando se ousa fugir dos modelos padrões de comportamento.

Em *A paixão segundo G. H.*, há um predomínio acerca do conhecimento e suas possibilidades de comunicação através da linguagem, bem como questões de representação de papéis sociais, conforme observa Solange R. de Oliveira, ao afirmar ser nessa obra que “pela primeira vez, aborda-se o problema da luta de classes” na ficção de Clarice (OLIVEIRA, 1985, p. 8).

Já em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, o problema do autoconhecimento e da comunicação pela linguagem também está presente, mas aqui o tema central é a “conversão” de Lóri, personagem central do romance, por Ulisses, professor de filosofia, que é “socialista” e a ajuda na sua descoberta do mundo e de si mesma. Na sua conversão, a discípula, depois de intermináveis encontros com Ulisses acaba por encontrar “outro mundo”, que não é mais construído a partir de tantas expectativas e ansiedades na busca pelo amor. Sua aprendizagem se dá graças ao didatismo de Ulisses, que confessa sua vocação para ensinar, graças a “Este meu senso didático, que é a vontade de transmitir” (LISPECTOR, 1998, p. 53). Apesar de ser o único romance de Clarice Lispector com um final feliz, isso não significa que foi alcançada uma existên-

cia de estabilidades. A narrativa se encerra com um diálogo em aberto, de modo que o pretense desfecho idílico da história se esgota.

Já em *A hora da estrela* encontram-se de certo modo todos esses temas e questões abordadas nos romances mencionados, porém com uma diferença fundamental: aqui o problema da pobreza e da marginalização das classes sociais oprimidas aparece de forma explícita, configurado na personagem central do romance, Macabéa, moça retirante nordestina que sobrevive numa “cidade toda feita contra ela”, o que ganha ênfase com o impasse da representação configurado nas dificuldades que o narrador encontra para contar a história de sua personagem (LISPECTOR, 1998, p. 15).

O conflito de classes, que parece estar apenas anunciado em *A paixão segundo G. H.*, posto de modo ainda contido ou implícito, em *A hora da estrela* apresenta-se de forma ostensiva, como anuncia o narrador e também personagem Rodrigo S. M., que afirma escrever uma “História exterior e explícita”, porém que “contém segredos” (*Ibidem*, p. 13).

O confronto entre classes sociais diferentes configura-se em *A hora da estrela* em vários níveis e mostra a distância que separa as pessoas de camadas sociais distintas no Brasil, ou seja, a distância que separa os pobres (operários, subempregados e desempregados) das camadas sociais mais privilegiadas da sociedade, incluindo-se aí os detentores do poder econômico, os que realmente ditam as regras do jogo, e aqueles que, não sendo privilegiados economicamente, ainda podem se considerar, de algum modo, abastados, pois detêm certos bens que os distinguem socialmente da massa marginalizada. Esses possuem o que se pode chamar capital cultural, que lhes assegura uma posição mais ou menos confortável na sociedade, representados pelo escritor Rodrigo S. M., narrador do romance.

Esse conflito se configura inicialmente pelas longas “reflexões” e especulações do narrador sobre a possibilidade de escrever a história nas condições em que se encontra. Embora ache necessário e “urgente” contar a história da nordestina, Rodrigo S. M. demonstra não saber como fazê-lo, dada a distância social que o separa de Macabéa, e daí sua enorme dificuldade de se aproximar da moça. O obstáculo inicial é a inadequação do instrumental pretensamente sofisticado de que o narrador dispõe para contar para narrar a história, ou seja, o saber acumulado de uma tradição erudita e clássica, sua linguagem e seu repertório literário face a uma matéria tão simples e tão pobre, a vida “quase sem vida” de Macabéa. Daí a dificuldade de escrever sobre a matéria que tem em mãos: “Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar pedras”, de modo que “voam faíscas e lascas como aços espelhados”, afirma o narrador, para logo em seguida completar:

Ah que me do de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho a contar parece fácil à mão de todos. Mas sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama (LISPECTOR, p. 1998, p. 19).

E o escritor imaginário segue na sua tentativa de se aproximar e se “pôr no nível da nordestina”, procurando alcançar a expressão exata, adequada para narrar sua pobre história, o que não deixa de ser uma reflexão acerca do problema que envolve a articulação entre matéria e forma literária. Essa busca chega ao ponto de cansar o leitor, já impaciente pelo adiamento da história. Na sua discussão prolixa, o narrador parece ganhar tempo, adiando o início de uma história que se sente incapaz de relatar, o que sugere a grande dificuldade de se aproximar do outro numa sociedade de acentuadas diferenças de classe. Essa distância era percebida muito claramente por Clarice, que sugere em boa parte de sua obra o quanto é difícil alcançar com a sua linguagem a expressão ou a forma capaz de falar honestamente do outro, sem parecer panfletária ou caricata.

Em *A hora da estrela* encontramos uma percepção muito clara e uma consciência muito aguda do papel e da situação contraditória do intelectual e do artista numa sociedade tão cheia de problemas como a sociedade brasileira de seu tempo (que, aliás, sob esse aspecto, vem sofrendo mudanças, com a inclusão de parte significativa da população em redutos inimagináveis há algum tempo, ainda que essa parcela da população continue invisível aos olhos de boa parte da elite brasileira). A autora reconhecia perfeitamente a situação ambígua do escritor, de um lado dividido entre o “compromisso” com os oprimidos, uma espécie de obrigação de dar voz a quem não tem voz, e, de outro, sua condição de dependência em relação ao sistema dominante, do qual recebe alguns “privilégios” por ajudar a sustentar através da produção, reprodução e transmissão um conjunto de normas e valores de ordem estética, jurídica e moral que legitimam a organização do sistema. Há uma passagem do romance que parece mostrar, com o peculiar traço cômico do livro, essa ambiguidade, condição contraditória e desconfortável do escritor:

Por enquanto quero andar nu e em farrapos, quero experimentar pelo menos uma vez a falta de gosto que dizem ter a hóstia. Comer a hóstia será sentir o inosso do mundo e banhar-se no não. Isso será coragem minha, a de abandonar os sentimentos antigos já confortáveis.

Agora não é confortável: para falar da moça tenho que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar de pura exaustão, sou um trabalhador manual. Além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina. Sabendo no entanto que talvez eu tivesse que me apresentar de modo mais convincente às sociedades que muito reclamam de quem está neste instante mesmo batendo à máquina (LISPECTOR, 1998, p. 19-22).

O trecho contém elementos que ilustram, problematizando, a condição do intelectual (no caso, o ficcionista) na sociedade brasileira dos anos 60/70. Para escrever a história de uma maneira mais convincente e honesta o narrador não tem dúvidas de que é preciso invadir o mundo da moça nordestina, e quase vestir-se na sua pele para então poder sentir e para “experimentar pelo menos uma vez a falta de gosto que dizem ter a hóstia”, ou seja, é preciso mais do que “saber” sobre a vida da moça,

mas também sentir. Essa realização estética se dará pelos sentidos presentes em nosso corpo, pelo sentido da existência no plano físico e pelo sentido de dar vida e voz aos menos favorecidos. Essa é uma trajetória difícil de ser cumprida, pois Rodrigo S. M., na verdade Clarice Lispector, reconhece não poder penetrar plenamente no mundo da moça, tão separados e distantes se encontram um do outro. O narrador sabe que só ocasionalmente pode entrar no mundo de Macabéa, mas nem pode e nem deseja nele permanecer, pois só enquanto escreve a história – de ficção – será capaz de “andar nu e em farrapos” para poder experimentar o mundo insosso da moça, visto que seria muito difícil “abandonar os sentimentos antigos já confortáveis”.

Seria difícil e arriscado abandonar os sentimentos antigos e confortáveis, pois Rodrigo S. M. sabe da necessidade de falar do diferente, do feio, no caso a vida e o mundo de Macabéa, mas sabe que isso implica em transgredir os códigos vigentes, construir uma nova expressão. Dessa forma, para falar do disforme, ou seja, da pobreza, que é “feia e promíscua”, o narrador busca uma forma adequada, uma forma que não se pode mais avaliar pelas convenções da estética do belo e do bom gosto. Sobre a opção de Clarice por uma estética que incorpora elementos considerados antiestéticos ou de mau gosto, Sônia Roncador (2002) assinala que isso ocorre, sobretudo, nas obras da autora publicadas nos anos 70, nas quais haveria uma ruptura em relação ao estilo da escritora anterior a esse período. Segundo ela, Clarice abandona nesse período a forma elegante de suas primeiras obras para adotar uma estética do feio, produzindo obras deliberadamente malfeitas, sendo que essa ruptura no plano da forma corresponde a uma mudança em relação aos temas abordados pela romancista. A crítica afirma que a escrita mais descuidada que aparece nas últimas obras da escritora tem sua razão na procura da forma para expressar o feio e o abjeto que caracterizam os temas abordados nos últimos anos de sua carreira, quando ela se mostra “intensamente envolvida com certos temas sociais como a miséria econômica e afetiva, a fome e a injustiça social” (RONCADOR, 2002, p. 150). E é dentro dessa nova diretriz estética adotada por Clarice que podemos situar *A hora da estrela*, obra na qual há uma confluência das várias tendências da escrita ficcional da autora, principalmente da última fase de sua obra.

Essa divisão de tendências no estilo da ficção de Clarice Lispector é também apontada por Vilma Arêas, para quem a obra da escritora pode ser compreendida em dois estilos ou fases diferentes: a primeira compreende o intervalo que vai da publicação de *Perto do coração selvagem*, em 1943, *A paixão segundo G. H.* e *A legião estrangeira*, em 1964. A literatura produzida por Clarice nessa fase foi chamada por ela mesma, segundo a pesquisadora, de “literatura das entranhas”, ou seja, uma literatura “profunda e séria”, comprometida com os grandes temas humanos e obedecendo a uma estética reconhecidamente de “bom gosto”, portanto de alto valor literário. Aqui a escritora se apresenta como uma das mais altas expressões da literatura de língua portuguesa, em que a busca da expressão mais justa, da frase precisa e elegante, da forma perfeita, parece ter sido um alvo perseguido por ela.

Já a segunda fase, que a autora denomina de “literatura feita com a ponta dos dedos”, de valor literário discutível segundo os padrões e critérios convencionais de “bom gosto”, apresenta uma ruptura no estilo da autora com esses padrões, correspondendo à maior parte da obra derradeira de Clarice. Essa fase compreende as obras realizadas após o golpe militar de 64, e nelas, ou na maior parte delas, percebe-se uma certa desilusão da autora em relação à literatura, ou pelo menos em relação àquela que se considera a “grande literatura”, a qual Clarice renega, afirmando literalmente em várias passagens de sua obra nesse período, que pratica literatura “antiestética”. Isso se observa também em *A via crucis do corpo*, a opção deliberada pelo feio em si mesmo como valor estético.

Essa opção de Clarice por uma literatura de “mau gosto”, predominante nos seus últimos escritos, constitui uma atitude de ordem estética diretamente relacionada a uma postura da autora no campo político-ideológico, ou seja, deve-se à reação da escritora em face da realidade social brasileira, cada vez mais degradada e mascarada pelos números mirabolantes de desenvolvimento econômico orquestrados pelos militares. É em função dessas circunstâncias que a autora resolve tratar aberta e explicitamente certos temas que nos seus livros anteriores só implicitamente eram sugeridos. Parece que o contato direto da autora com a cruel realidade brasileira despertou nela o sentimento e o desejo de fazer uma literatura abertamente “social” e comprometida, denunciando – mas sem aderir a clichês e sem proselitismo – as mazelas sociais do país, cada vez mais agudas e evidentes, já difíceis de se ocultarem em discursos hipócritas e numa literatura meramente ornamental. Portanto, as circunstâncias do período pós-64 e seus desdobramentos atuaram de forma decisiva para essa nova atitude de Clarice Lispector (ARÊAS, 1997).

*A hora estrela* constitui um ponto de confluência das diferentes tendências da escrita de Clarice Lispector, tanto do ponto de vista dos temas abordados como também dos aspectos estilísticos. Isso sugere que não se pode estabelecer uma separação rígida entre as duas fases da obra de Clarice, ou seja, não se pode separar sua obra em duas fases ou tendências distintas e distantes, como sendo, de um lado uma literatura introspectiva e profunda, e, de outro, um realismo “cru” e “feroz”, traço da ficção brasileira do final do século XX apontado por Pasta Jr. (2002). Parece mais coerente afirmar que não há um corte profundo, mas uma passagem na qual alguns elementos dos primeiros escritos permanecem nos últimos, embora atenuados, enquanto que outros menos salientes nos primeiros são realçados nos últimos.

Pois bem, *A hora da estrela* é a obra de Clarice que melhor articula o encontro das várias pontas da sua ficção, pois nesse livro está o problema da representação e a impotência da linguagem para comunicar a “essência da coisa”: a dificuldade do sujeito de uma classe para falar do outro, da outra classe, e, portanto, a dificuldade em compreendê-lo; o problema da fome e da miséria, das desigualdades sociais e suas consequências, além de uma outra questão sutil e complexa, para a qual poucos artistas

atentavam: a relação do escritor e da literatura com o mercado e com a indústria cultural. Há, portanto, um conjunto de temas complexos e importantes nesse pequeno livro, aparentemente tão simples.

A questão da representação, ou mais precisamente da representação do elemento nacional popular na literatura é um ponto importante de *A hora da estrela*, sobre o qual o narrador especula à exaustão, não raro dando um tratamento cômico à questão, em que não deixa de haver uma certa ironia cínica, como sugere a passagem: “para falar da moça tinha que não fazer a barba durante dias e adquirir olheiras escuras por dormir pouco, só cochilar por pura exaustão [...] além de vestir-me com roupa velha rasgada. Tudo isso para me pôr no nível da nordestina” (LISPECTOR, 1998, p. 19).

Ora, nessas condições parece que qualquer tentativa de representação da moça – e do pobre, portanto – soaria falsa e artificial, o que não deixa de ser verdade até certo ponto, uma vez que é quase impossível para o narrador descer ao “nível da nordestina”. Mas a via encontrada por Clarice para falar do pobre no seu confronto com o outro, ou seja, com as classes favorecidas elimina até certo ponto a impressão de artificialidade, à medida que nivela as personagens pelo viés da comicidade. A observação de Vilma Arêas sobre a inspiração circense de Clarice em *A hora da estrela* é interessante, mostrando que há uma atenuação das diferenças (ou uma redução da distância) que separam as personagens, uma vez que todos no romance ganham uma configuração cômica, inclusive o narrador, que também participa do jogo, “introduzindo em linha dupla no texto o desempenho do *regisseur*, do mestre-de-cerimônias circense” (ARÊAS, 1991, p. 154).

E não só o narrador e Macabéa, mas todos os personagens do romance apresentam traços cômicos, o que de certa forma os rebaixa a ponto de ficarem não muito acima de Macabéa, a estrela do espetáculo. Ao caracterizar a nordestina como negatividade em pessoa, ou seja, a ausência total de qualidades dignas de apreço, e colocando-a num mundo em que os demais figurantes, apesar de mais espertos, não estão muito acima dela, Clarice acaba por expor um mundo pobre, “feio e promíscuo”, na medida em que o marco referencial é o vazio de Macabéa, e todos ali participam dele, não havendo muita distância entre eles e a moça.

Observando as figuras que participam da história da nordestina e que são determinantes na configuração do seu destino, vê-se que de certo modo todos participam um pouco de sua miséria. Se nenhum deles sofre das privações materiais, da indigência mental e ingenuidade de Macabéa, isso não é suficiente para eximi-los da condição de explorados e marginalizados da sociedade, atuando meramente como peças necessárias ao funcionamento do sistema: analfabetos e semianalfabetos alguns, ignorantes e alienados todos (incluindo-se aí o médico). Em todos eles a ausência de qualquer sentido edificante para a existência: nenhum projeto, nenhum ideal além da bruta existência material, para a qual só há um sentido: ganhar dinheiro, como sugere a fala dos personagens Olímpico de Jesus e o médico.

Portanto, é difícil apontar características desses personagens que os possam distinguir substancialmente de Macabéa, sobressaindo-se eles apenas por alguma esperteza, que é ausente nela. Olímpico de Jesus é também nordestino, tendo vindo do sertão da Paraíba para tentar a sorte melhor na capital carioca, onde conquista a posição de “metalúrgico”, da qual muito se orgulha. O que há em Olímpico que o faz superior a Macabéa é sua “esperteza” e a ambição de conquistar poder e dinheiro, o desejo de poder para mandar e explorar como era explorado. Diferentemente de Macabéa, Olímpico “não era inocente coisa alguma, apesar de ser uma vítima geral do mundo” e carregava “dentro de si a semente do mal”, além de gostar de “se vingar”, sendo que esse desejo de vingança é que “lhe dava força de vida” (ARÊAS, 1989, p. 47). Apesar de ter a semente do mal e gostar de se vingar, Olímpico não enxergava qualquer horizonte a não ser o da exploração capitalista da qual era vítima, pois seu desejo não é conquistar uma alternativa diante da condição em que vive, mas simplesmente passar da condição de explorado para a de explorador, conquistar poder e dinheiro, não importando os meios que tenha de usar para isso. Sabe-se pelo narrador que ele roubava e “era um verdadeiro técnico em roubar” (*Ibidem*, p. 50), além de que matar tinha feito dele “homem com letra maiúscula”. Olímpico não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de “cabra safado” (*Ibidem*, p. 46), e afirmava que um dia seria deputado.

Assim, se Macabéa não tem horizonte e mal consegue esboçar umas perguntas para as quais “não há resposta”, Olímpico tem um horizonte em mira e este é o horizonte da classe dominante. É por isso que ele “Era mais passível de salvação do que Macabéa, pois não fora à toa que matara um homem” (*Ibidem*, p. 57). Portanto, o universo de *A hora da estrela* caracteriza-se pela exploração, em que só há possibilidade de salvação para quem está disposto a lançar mão dos meios mais deploráveis para alcançar uma posição confortável e “respeitável”. As “boas maneiras”, a educação e o respeito pelo outro estão excluídos, subsistindo apenas na mente vazia de Macabéa, que se vangloria de ter recebido a melhor herança, “as boas maneiras” que a tia lhe ensinara, no que é prontamente reprovada por Olímpico, para quem “a melhor herança é mesmo muito dinheiro” (*Ibidem*, p. 45).

Outro personagem que se opõe a Macabéa é Glória, sua colega de trabalho que lhe toma o namorado, se é que se pode chamar a relação de Olímpico e Macabéa de namoro. Também se opõe a Macabéa pelo fato de ser mais “inteligente” e mais ágil no trabalho, além de seus dotes físicos serem reconhecidamente superiores aos da nordestina. Glória encarna a típica mulher sensual e namoradeira, cujos atributos despertam o desejo erótico dos homens. Não é por outra razão que Olímpico logo se apaixona quando a vê, deixando Macabéa que, longe de ter os atributos físicos e a sensualidade de Glória, “é um cabelo na sopa”, pois “não dá vontade de comer” (*Ibidem*, p. 60). Na caracterização da personagem Glória o narrador ironiza velhos clichês da elites brasileira, incorporados pelas desfavorecidas:



Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar [...] O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade (*Ibidem*, p. 59).

Como acontece em boa parte da obra de Clarice, a crítica social aqui se realiza pelo viés da sátira e do humor. A figura de Glória descrita pelo narrador é bastante cômica e funciona como paródia de certas convenções e discursos estereotipados da cultura brasileira sobre a mulata, tida como símbolo da sensualidade tropical e explorada exaustivamente pela indústria do espetáculo dominante na sociedade de consumo. Glória se enquadra nos moldes das convenções de uma ideologia apologética da mestiçagem, que produz clichês em torno de uma suposta superioridade da mulher mestiça brasileira, cujas qualidades realçadas são principalmente as que se relacionam com a sensualidade. Vemos que “Apesar de branca, tinha a força da mulatice”, que numa sociedade de forte herança escravista é uma qualidade que carrega certa ambivalência, ora considerada como positiva, ora vista como negativa, de acordo com situação. Inteligente e de uma percepção agudíssima para o pormenor e o detalhe aparentemente insignificante, Clarice não deixa de perceber o comportamento ambíguo da sociedade brasileira em relação a aspectos peculiares como é o caso da questão racial. Ora, numa sociedade marcada pela presença forte da raça negra, mas dominada política e economicamente pelo elemento branco, as qualidades do negro e do mestiço são avaliados de acordo com as convenções estabelecidas pelos brancos, ou seja, pela cultura dos grupos dominantes, sendo consideradas positivas aquelas qualidades do negro ou do mestiço que satisfazem os desejos do branco. Assim, no caso da mulher negra ou mestiça, a sua qualidade mais celebrada é a sensualidade, característica que tem deleitado o homem branco desde os remotos tempos da colonização. Note-se que Glória, mesmo tendo os atributos físicos que satisfazem os homens sedentos de erotismo, para se destacar e equivaler-se diante do grupo dominante precisava oxigenar de “amarelo-ovo os cabelos crespos”, pois sabia que sua aparência loura “significava um degrau a mais para Olímpico” e, claro, para toda a sociedade.

A vantagem da aparência física de Glória sobre Macabéa é gritante e faz Olímpico trocar de partido. Mas ela tinha outra vantagem que “nordestino não podia desprezar”, pois era carioca da gema e pertencia ao “ambicionado clã do sul do país”. Aqui a ironia clariceana concorre com toda a força a para o efeito satírico do texto: Glória, empregada de uma firma decadente, filha de um açougueiro e moradora de uma pensão do subúrbio carioca ostenta orgulho pela sua posição superior e por estar, dessa forma, mais próxima da elite do país. O efeito disso é forte e imediato sobre a mente de Olímpico. Retirante vindo Nordeste tangido pela ameaça da fome, conquistar um lugar de metalúrgico na capital carioca, namorar e possivelmente casar com uma moça loura,

“carioca da gema” e filha de açougueiro, não seria pouca coisa, sobretudo porque ele desejava a qualquer custo ascender para outro grupo social.

O cômico da situação está também na forma como Olímpico se impressiona pelas qualidades de Glória. A potência física da moça faz lembrar ao nordestino a superioridade dela em relação a Macabéa e a muitas nordestinas suas conterrâneas: é que Glória jamais passara fome: “Vendo-a, ele adivinhava que, apesar de feia, Glória era bem alimentada”. O narrador realça ainda mais o ridículo para a obtenção do efeito cômico da situação quando Glória é comparada a uma espécie de mercadoria, no pensamento de Olímpico, que acreditava ser ela “material de boa qualidade”, por ser bem alimentada.

O cômico está presente em todo o livro, alternando-se o humor e a ironia, quando não ocorrem simultaneamente. Observamos anteriormente que os demais personagens são flagrados em seu ridículo quando se encontram com Macabéa. Uma dessas figuras, embora não possa ser considerada propriamente uma personagem da narrativa, uma vez que aparece apenas em uma ocasião da história, é o médico. A situação desse médico é também de extrema precariedade. Seu trabalho é um faz de conta porque “ele era médico de pobres” e para isso não se exigia muita dedicação nem preparo para o exercício da medicina, conforme sugere o narrador:

Esse médico não tinha objetivo nenhum. A medicina era apenas para ganhar dinheiro e nunca por amor à profissão nem a doentes. Era desatento e achava a pobreza uma coisa feia. Trabalhava para os pobres detestando lidar com eles. Eles eram para ele o rebotinho de uma sociedade muito alta à qual também ele não pertencia. Sabia que estava desatualizado na medicina e nas novidades clínicas mas para pobre servia. O seu sonho era ter dinheiro para fazer exatamente o que queria: nada. (LISPECTOR, 1988, p. 67-68).

A crítica social de Clarice aqui é contundente, porém não panfletária, equilíbrio importante mas nem sempre fácil de alcançar pelos seguem as trilhas da literatura socialmente “comprometida”. Sempre atenta aos pormenores, percebia com muita agudeza as contradições e os senões que se escondem diante das aparências imediatas nas circunstâncias sociais. Ao mesmo tempo em que expõe a precária situação da assistência médica destinada aos pobres, a autora mostra alguns elementos mediadores do processo, situados entre o sistema propriamente dito, ou o poder responsável pela função a ser exercida, e a qualidade desse trabalho que chega aos pobres, ao mostrar o comportamento do médico, que ainda sendo vítima é também sujeito do processo e responsável por parte de seus resultados. O narrador informa que o médico não tinha objetivo nenhum na profissão e que o exercício da medicina “era apenas para ganhar dinheiro”, resultando disso o atendimento displicente dado a Macabéa. Trabalhava insatisfeito porque “achava a pobreza uma coisa feia” e detestava lidar com os pobres, rebotinho de “uma alta sociedade à qual ele também não pertencia”, pela qual ele também era explorado, daí sua frustração. Chama a atenção também o desleixo em relação à vida profissional e a si mesmo, pois “sabia que estava desatualizado na medicina”,

mas isso não importava, pois trabalhava para pobre e qualquer coisa servia. Sem amor à profissão e sem respeito pela clientela que atendia, não se preocupava com a formação profissional, pois seu único desejo era ganhar muito dinheiro para poder fazer apenas o que queria, ou seja, não fazer nada.

Ter muito dinheiro para não fazer nada é o ideal de indivíduos formados numa cultura que despreza o trabalho, própria de sociedades de forte herança escravista, como é o caso do Brasil, onde o trabalho era visto como algo aviltante, que não era para os cidadãos de bem, mas para escravos. Clarice revela traços de um capitalismo atrasado, no seio do qual se misturam os elementos mais díspares: a ignorância, a pobreza extrema convivendo lado a lado com a riqueza, a ambição pelo dinheiro e o desprezo pelo trabalho honesto e persistente, eis um quadro típico do capitalismo à brasileira, que se configura trágica e comicamente em *A hora da estrela*, obra que “oferece uma radiografia do modelo do capitalismo brasileiro”, como observa Vilma Arêas (1995, p. 83).

Mas além de seu desprezo pelos pobres e pelo trabalho, outros traços são apresentados de forma a tornar cômica a figura do médico, rebaixando-o ao nível das demais personagens, inclusive de Macabéa. É sobretudo pela caracterização física que se produz a comicidade de sua figura: “O médico muito gordo e suado tinha um tique nervoso que o fazia de quando em quando ritmadamente repuxar os lábios. O resultado era parecer que estava fazendo beicinho de bebê quando está prestes a chorar” (LISPECTOR, 1998, p. 67). Nesse enquadramento, a profissão de médico, tão valorizada em nossa cultura como uma posição de destaque social, em detrimento de sua importância inegável para o bem-estar e cuidados dos indivíduos, recebe o mesmo peso diante da condição de desamparo de Macabéa.

Os defeitos físicos são sempre potencialmente cômicos, sobretudo quando resultam de alguma fraqueza espiritual ou “defeito moral”, conforme nos mostra Bergson (1993) e Vladimir Propp (1992). A obesidade por si mesma pode ter um efeito cômico e é realçada quando está relacionada à preguiça e ao parasitismo, a defeitos, portanto, morais ou espirituais, lembrando que para Bergson o cômico do ser humano é resultado quase sempre de um defeito físico e/ou moral, e tanto um como outro estão presentes no médico que atende Macabéa.

A figura do médico representa também o exemplo de um tipo de comicidade produzida pela repetição de movimentos involuntários, pois tinha um tique nervoso que o fazia “de quando em quando repuxar os lábios”, resultando daí o extremo do ridículo, pois parecia que estava fazendo “beicinho de bebê quando está prestes a chorar”. Na cultura cristã a gula é considerada um pecado, portanto um defeito moral do ser humano, e é potencialmente cômica, pois o indivíduo guloso está sempre sujeito a se expor e ser flagrado em situações ridículas. Uma característica do médico é a gula, pois embora o narrador não o diga explicitamente, sabemos disso por suas próprias palavras, ao dizer a Macabéa que sua enorme barriga é “resultado das boas macarronadas e de muita cerveja”.

Há outro personagem importante na história de Macabéa, a cartomante, ou madame Carlota, que também apresenta traços cômicos, embora o trágico da história esteja diretamente ligado à sua pessoa, pois é ela que revela para o leitor o destino infeliz de Macabéa. A exemplo dos demais personagens, o cômico de madame Carlota começa pela sua caracterização física, sua aparência produzida pela maquiagem: “madame Carlota era enxundiosa, pintava a boquinha rechonchuda em vermelho vivo e punha nas faces obesas duas rodela de ruge brilhoso. Parecia um bonecão de louça meio quebrado” (LISPECTOR, 1998, p. 72).

Como o tragicômico é a base da estruturação de *A hora da estrela*, ao lado de seus traços cômicos, como os demais personagens a cartomante também revela aspectos da tragédia social brasileira, como a prostituição, o charlatanismo e a contravenção, que ela pratica sempre “perseguida pela polícia”, mas “protegida por Jesus”, de quem ela se vangloria de ser “fã”, confessando também ser “doidinha por ele” (*Ibidem*, p. 73). A entrada em cena de madame Carlota revela outra peculiaridade da sociedade brasileira, a frágil e tênue fronteira que separa o legal do ilegal, a ordem da desordem, pois a cartomante faz parte de um mundo não oficial e “proibido”, cujas práticas, porém, embora oficialmente proibidas, são tacitamente permitidas e convivem lado a lado e pacificamente com o que se chama de vida oficial e legal. Portanto, embora pareça à primeira vista a simples história de uma pobre moça nordestina, *A hora da estrela* constitui uma encenação cômica da tragédia social brasileira, repleta de preconceitos, autoritarismo e segregação.

A história relatada como “uma dentina exposta”, a trajetória do corpo cariado de Macabéa, na verdade representando a estrutura de um sistema doente no qual vivemos até hoje, onde milhares de nordestinos (a população pobre em geral, mas sobretudo estes) ainda são vistos como parafusos na máquina da engrenagem social, sugere boa reflexão sobre o momento histórico atual. O processo eleitoral e o resultado das eleições do ano de 2014, em que uma onda de preconceito e violência desenfreada é propagada em redes sociais e endossada por grande parte da imprensa, de maneira velada, com dados estatísticos sobre o Nordeste e ao mesmo tempo escancarada na fala de jornalistas, políticos, “formadores de opinião” e até mesmo professores universitários, mostra que, embora o país tenha avançado no sentido de superar o atraso econômico e social, as estruturas arcaicas permanecem vivas na esfera da mentalidade.

Se Clarice Lispector estivesse viva, certamente não iria deixar de se manifestar a respeito dessa nova maneira de expressar a velha discriminação social à brasileira, seja como jornalista, escritora ou simplesmente Clarice Lispector, a cidadã, que viveu as alegrias e tristezas da infância no Recife. O Nordeste de Macabéas ainda é real, mas, gradativamente, cada vez mais distante daquele retratado em *A hora da estrela*. Finalmente, aos poucos, o direito ao grito se faz realidade.

## REFERÊNCIAS

- ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. Com la punta de los dedos. *Anthropos*, extra 1 e 2, 1997.
- \_\_\_\_\_. Convenção e expressão em Graciliano Ramos e Clarice Lispector. In DUARTE, E.de Assis (org). *Graciliano revisitado*. Natal: Editora da UFRN, 1995, pp. 75-84.
- \_\_\_\_\_. O sexo dos clowns. *Revista Tempo Brasileiro*, 104, jan./mar., 1991, pp. 145-154.
- \_\_\_\_\_. Um poco de sangre (observaciones sobre “A hora da estrela” de Clarice Lispector. *Escritura*, XIV, 28. Caracas, julio-diciembre 1989, pp. 403-415.
- BERGSON. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2 ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A maçã no escuro*. 9 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- OLIVEIRA, S. Ribeiro de. *A barata e a crisálida: o romance de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1985.
- PASTA JR., J. Antonio. Prodígios da ambivalência: notas sobre *Viva o povo brasileiro*. *Novos Estudos CEBRAP*, nº. 64, nov. 2002, pp. 53-60.
- PROPP, Vladimir. *Comichidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- RONCADOR, Sônia. *Poéticas do empobrecimento: a escrita derradeira de Clarice*. São Paulo: Annablume, 2002.